

# **Arquitectura das Granjas Cistercienses do Mosteiro de Alcobaça - Apontamentos sobre a Arquitectura e Organização Funcional da Antiga Granja de Turquel e Quinta da Granja**

**Maria do Céu Simões Tereno\*  
Universidade de Évora**

## **Introdução**

O Mosteiro de Alcobaça, o mais representativo da Ordem de Cister em Portugal, fundado numa extensão de território de dimensão assinalável, que acrescentou ao longo do tempo através da aquisição de outras áreas, teve uma importância marcante na consolidação e desenvolvimento do país então nascente.

Esta Ordem, além da sua acção religiosa, distinguiu-se pelas acções criteriosamente orientadas para o desbravamento dos terrenos atribuídos, que propiciaram a fixação da população, acompanhado de um desenvolvimento que poderemos designar por agro-industrial.

Esta actividade agro-industrial foi realizada através de uma rede de granjas para a exploração agrícola e para a transformação dos produtos recolhidos, que representou um património de grande dimensão.

As vicissitudes por que passou este Mosteiro ao longo dos séculos não permitiram que chegassem aos nossos dias estruturas intactas dessas granjas.

Como contributo para a salvaguarda de um património cultural significativo propusemo-nos estudar, do ponto de vista arquitectónico, o remanescente das estruturas das granjas ligadas ao Mosteiro de Alcobaça.

Iniciámos o estudo deste património rural cisterciense, com as granjas do Bário<sup>1</sup>, de Cós e Póvoa de Cós<sup>2</sup>, a Quinta do Vimeiro<sup>3</sup>, e ainda o antigo Lagar dos Frades em Ataíja de Cima<sup>4</sup>. Estruturas agrícolas em estados de conservação muito diferenciados, são vestígios que permanecem ainda nos nossos dias, da intervenção dos monges do Mosteiro de Alcobaça, e que importa estudar, registar e preservar.

Continuando o nosso propósito centramos agora a nossa atenção nos vestígios existentes na área de Turquel, a Antiga Granja de Turquel ( contemporânea do início da nacionalidade) e a Quinta da Granja ( de aquisição mais recente, já no século XVIII, que se poderá considerar como uma extensão daquela granja ).

O trabalho que nos propomos desenvolver , inicia-se com uma breve abordagem sobre a forma como os monges cistercienses contribuíram para o povoamento e desenvolvimento do território, focando posteriormente os locais de implantação das duas granjas em apreço, bem como a descrição das

---

<sup>1</sup> Maria do Céu S. Tereno, " Arquitectura das Granjas Monásticas no Domínio do Mosteiro de Alcobaça – A Granja do Bário ", trabalho terminado em 1999.

<sup>2</sup> Maria do Céu S. Tereno, " Arquitectura das Antigas Granjas Monásticas de Cós e Póvoa de Cós – Alguns Apontamentos Sobre a Sua Arquitectura", a ser publicado na Rivista Cistercense, nº1 de 2001.

<sup>3</sup> Maria do Céu S. Tereno, " Arquitectura das Granjas Monásticas do Mosteiro de Alcobaça – Notas sobre a Arquitectura e Organização Funcional da Granja do Vimeiro", trabalho a ser publicado na Revista Cisterciense *Cistercium* , nº224, em 2001.

<sup>4</sup> Maria do Céu S. Tereno, " Breve Notícia sobre o Antigo Lagar dos Frades em Ataíja de Cima ( Alcobaça)", a ser publicado na Revista Cisterciense *Cistercium*, nº 224, em 2001.

mesmas. Terminará com uma pequena conclusão, onde são salientes os aspectos que se consideraram mais relevantes neste estudo.

A zona de Alcobaça, povoada de há muito, tem espólio assinalável da ocupação romana que demonstra uma ocupação intensiva e continuada desses territórios. No entanto, com as invasões árabes, esta ocupação tendeu a rarefazer-se e pode afirmar-se que na época em que os monges cistercienses se instalaram no local, este era pouco habitado, o que correspondia a um dos requisitos fundamentais impostos pela Ordem para a implantação de comunidades religiosas, o seu isolamento<sup>5</sup>. Estavam também presentes os outros aspectos, pois a região era bem dotada de cursos de água, e os terrenos eram propícios à agricultura<sup>6</sup>. O Exórdio de Cister – tem determinações bastante específicas, no que respeita à construção de abadias cistercienses: “ Nenhum mosteiro poderá ser erigido em cidade, burgo ou aldeia.” ; e ainda “ fora dos muros do mosteiro não se construa qualquer edifício destinado a habitação, que não seja o dos animais.” ; o que nos leva a supor que para a construção das granjas os princípios aplicados seriam os mesmos.<sup>7</sup>

As possessões do mosteiro vão aumentando com o decorrer do tempo, e nos territórios obtidos seja por aquisição, escambo ou doação, vão-se instalando as granjas e as quintas do mosteiro<sup>8</sup>.

Uma parte significativa destas granjas está na génese dos treze coutos de Alcobaça<sup>9</sup> e desempenharam também um papel muito assinalável no desenvolvimento da agricultura, e do povoamento do território<sup>10</sup>.

A exploração das granjas<sup>11</sup> começou por se efectuar de modo directo, mas com o cada vez maior número de granjas e quintas e com a escassez de mão

---

<sup>5</sup> Este aspecto já foi referido no trabalho “ Arquitectura das Granjas Monásticas no Domínio do Mosteiro de Alcobaça – A Granja do Bário”, e para demonstrar que os territórios de Alcobaça estiveram sempre ocupados, Manuel Vieira Natividade, *Mosteiro de Alcobaça – ( Notas Históricas )*, Coimbra, 1885, p. 10, mostrando que o Castelo de Alcobaça é de origem árabe, afirma que “ é falsa a afirmativa dos cronistas alcobacenses que dizem não haver, n’aquelles lugares, o menor vestígio de povoação ao tempo que se fundava o mosteiro. E nem mesmo é natural que os mouros deixassem de cultivar as cercanias d’Alcobaça tão férteis e tão mimosas”. Ver ainda Joaquim V. Natividade, *Obras Várias II*, “ Os Monges Agrónomos do Mosteiro de Alcobaça”, Edição da Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do 1º Centenário da Morte do Professor Joaquim Vieira Natividade, s/d, pp.32-35.

<sup>6</sup> Este aspecto era fundamental, já que os monges deviam prover ao próprio sustento, cultivando com as suas mãos, os terrenos atribuídos, veja-se de Aires A. Nascimento, *Cister: Os Documentos Primitivos – No Centenário da Fundação de Cister*, Lisboa, 1999, p. 59, onde refere que : O sustento dos monges da nossa Ordem deve provir do trabalho das suas mãos, do cultivo das terras, da criação de animais; pela mesma razão, para nosso uso, é permitida a posse de águas, florestas, prados, terras afastadas de lugares habitados por homens do mundo, e animais, com excepção daqueles que poderiam provocar a curiosidade e contribuir mais para a vaidade de quem os possuísse do que trazer ajuda: é o caso dos veados, dos grous e de animais deste tipo; para cultivo e pastagem e manutenção de tudo isto, podemos possuir granjas, que deverão ser confiadas à guarda e administração dos conversos.” , referimos também a implantação das granjas em “ Arquitectura das Granjas Monásticas do Mosteiro de Alcobaça – Breve Estudo Preliminar da Antiga Granja do Vimeiro”.

<sup>7</sup> Aires A. Nascimento, *Cister: Os Documentos Primitivos – No Centenário da Fundação de Cister*, Lisboa, 1999, p. 57

<sup>8</sup> Marcel Pacaut , *Les Ordres Monastiques et Religieux au Moyên Age*, Lion, 1993, p. 156

<sup>9</sup> Joaquim Vieira Natividade, *Obras Várias II*, “ O Mosteiro de Alcobaça - Notas Históricas, A Igreja, os Túmulos, o Mosteiro ”, Edição da Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do 1º Centenário da Morte do Professor Joaquim Vieira Natividade, s/d, p13.

<sup>10</sup> Joaquim V. Natividade, *Obras Várias II*, “ Os Monges Agrónomos do Mosteiro de Alcobaça”, Edição da Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do 1º Centenário da Morte do Professor Joaquim Vieira Natividade, s/d, p. 35, e Maria Alegria Fernandes Marques, *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, “ Os Coutos de Alcobaça : das Origens ao Século XVI”, Lisboa, 1998, p. 182.

<sup>11</sup> Granjas entendidas como unidades de produção, para utilizar uma designação de Pedro Gomes Barbosa, *Povoamento e Estrutura Agrícola na Estremadura Central*, Lisboa, 1992, e Maria do Céu S.

de obra de irmãos conversos, a partir do século XIV, os monges passaram a arrendar os terrenos a colonos<sup>12</sup>.

As propriedades que eram arrendadas, em muitos casos já se encontravam cultivadas, como refere Joaquim V. Natividade : “ Na maior parte dos casos, os monges entregavam aos colonos o terreno cultivado por suas próprias mãos, e as cartas ( de povoação ) referem-se a olivais, vinhas, pomares e hortas ”já feitas”; noutros casos, impunha-se aos colonos a obrigação de “romper o que houver de romper, cada um segundo as suas posses”<sup>13</sup>.

Os monges continuavam, no entanto, a prestar o auxílio necessário, nomeadamente no que respeita à adequação das culturas aos respectivos terrenos, ao tratamento a dar aos pomares, e a todas as actividades relacionadas com a agricultura. Não se restringia o apoio prestado, apenas a estes aspectos, o Mosteiro fornecia ainda as ferramentas necessárias, fabricadas nas suas ferrarias, os moinhos, os lagares, os fornos de pão, para poderem ser utilizados pelos colonos, mediante um tributo estabelecido.

De muitas destas actividades podemos encontrar ainda, vestígios na toponímia, veja-se, por exemplo, o caso das ferrarias e dos moinhos.

### **Implantação e descrição da Antiga Granja de Turquel**

A delimitação das paróquias de Alcobaça, ocorre em finais do século XIII, como nos refere Pedro G. Barbosa : “ A divisão e delimitação das paróquias de Alcobaça só tem lugar em 1296. É o Bispo João Martins Soalhães quem manda proceder a essa delimitação, através do seu procurador Afonso Pais, que é encarregado de ir ao Couto fazer a delimitação. São cinco as que foram então delimitadas : Aljubarrota, que engloba a Cella Nova, o Bárrio, Turquel, Évora e Carvalhal dos Vilãos,...”<sup>14</sup>. A paróquia de Turquel está pois incluída no conjunto das cinco primeiras paróquias, sendo portanto, das mais antigas.

Ainda de acordo com a opinião do mesmo autor, a Granja de Turquel remonta ao início do segundo quartel do século XII, porque “ Se aceitarmos como autêntica a carta já referida, de Honório III introduzida a informação de Gregório IX, teremos as seguintes granjas em 1227 : Chaqueda, Jardim, Mesão Frio, Mamondo, Turquel, Almofala,...e Ferraria de D. Daiz”<sup>15</sup>. Encontramos também referência à Granja de Turquel, mas em 1352, na carta de povoação que lhe foi atribuída, referida por Frei Manoel dos Santos<sup>16</sup>.

---

Tereno, em “ Arquitectura das Granjas Monásticas do Mosteiro de Alcobaça – Notas sobre a Arquitectura e Organização Funcional da Granja do Vimeiro”.

<sup>12</sup> Bernardette Barrière “ Les Patrimoines Cisterciens en France – du faire valoir direct au fermage et à la sous traitance”, “*L’Espace Cistercien*”, Leon Pressouyre ( ed.), Paris, 1991, p.47, e ainda Jávier Pérez-Embid Wamba, “ Le Modéle Domanial Cistercien dans la Penínsule –Ibérique “, “ *L’Espace Cistercien*”, Leon Pressouyre (ed.), Paris, 1991, p. 151, e Iria Gonçalves, “ Custos de Montagem de uma Exploração Agrícola Medieval “ – *Imagens do Mundo Medieval*, Lisboa, 1988, p. 219

<sup>13</sup> Joaquim V. Natividade, *Obras Várias II*, “ Os Monges Agrónomos do Mosteiro de Alcobaça”, Edição da Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do 1º Centenário da Morte do Professor Joaquim Vieira Natividade, s/d, p. 37.

<sup>14</sup> Pedro Gomes Barbosa, *Ob. Cit.*, p.119

<sup>15</sup> Pedro Gomes Barbosa, *Ob. Cit.*, p.141

<sup>16</sup> Frei Manoel dos Santos, *Alcobaça Ilustrada*, 1710, p.405, e também Manuel Vieira Natividade, *Mosteiro de Alcobaça – ( Notas Históricas )*, Coimbra, 1885, pp. 70-73. Este autor transcreve a cópia da carta de povoação “ *que pelo Real Mosteiro d’Alcobaça foi dado a esta Villa de Turquel antes do foral d’ella, no anno de 1352, traduzida à letra do seu original latino, que se acha no cartório do mesmo Real Mosteiro, no Livro VI, que he dos Dourados, fol.1 et sequent.* A referência surge quando procedem à delimitação dos territórios da responsabilidade da Vila de Turquel “ Portanto nós, Frey Pedro Abbade da Congregação do Mosteiro d’Alcobaça queremos se faça conhecido dos presentes e futuros que virem as

Posteriormente o rei D. Manuel I concede foral novo, à Vila de Turquel, em 1512.

A Vila de Turquel situa-se ao longo do eixo Alcobaça / Rio Maior e desenvolve-se longitudinalmente numa extensão de cerca de 1 Km, no sentido Norte/Sul ( Fig. 1 e 2 ). Situa-se a cerca de 10 Km a sul de Alcobaça. Pela sua posição geográfica era um local de passagem bastante frequentado na época. Assinala Iria Gonçalves, que os habitantes o consideravam como “ um lugar muito caminheiro”<sup>17</sup>.

Esta povoação, a par da de Santa Catarina, era das mais significativas que se situavam a sul de Alcobaça.

Qualquer destas povoações tinha uma granja, mas a de que nos vamos ocupar situa-se em Turquel.

A mesma autora, refere que a Granja de Turquel era no início do século XIV, habitada pelo mestre da granja, e por alguns outros monges e irmãos conversos que guardavam os rebanhos e cultivavam os seus terrenos, em paridade com os moradores daquela povoação<sup>18</sup>. Dispunha esta granja de lagar de vinho e forno de pão<sup>19</sup>.

A importância que as granjas tiveram no desenvolvimento agrícola do território é inegável e já na altura se podia considerar que desempenhavam o papel de verdadeiras “ escolas agrícolas”<sup>20</sup>.

Para o bom funcionamento nas granjas criaram os monges regras muito específicas de comportamento, para utilização dos irmãos conversos, nomeadamente guardarem o silêncio durante a execução dos trabalhos, com excepção de serem necessárias as trocas de informação, no que dissesse respeito à boa execução das tarefas respectivas<sup>21</sup>.

A Granja de Turquel ( Fig. 3 ), já referida na carta de povoação da Vila de Turquel, remonta ao século XIII e situa-se na parte meridional e mais alta da mesma Vila<sup>22</sup>.

A antiguidade desta granja, associada ao desenvolvimento da povoação e transformações decorrentes, não nos permitiu encontrar um conjunto coeso de edifícios definidor da Antiga Granja.

No entanto, encontrámos alguns edifícios, assinalados em planta, que pelas suas características e posição, pode admitir-se terem pertencido à Granja de Turquel. Situam-se ao longo de um eixo, definido pelas ruas do Lagar, da Neta e de Capitão G. Mendes, orientado a nascente / poente, e muito próximo do largo principal da Vila, o Largo do Pelourinho.

Na Rua do Lagar, existe um edifício que teve essas funções, e está mesmo assinalado como lagar da Vila, que se encontra num estado de degradação

---

presentes letras, que de commum consentimento umas certas nossas terras proprias no circuito da nossa Granja de Turquel,...”, José Pedro Saldanha Oliveira e Souza, *Subsídios para a História da Agricultura em Portugal*, Lisboa, 1929, p.49, este autor refere como data para atribuição da carta de povoação a Turquel 1303, data anterior em alguns anos à que é referida por outros autores.

<sup>17</sup> Iria Gonçalves, *O Património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, Lisboa, 1989, p. 382

<sup>18</sup> Idem, p. 142

<sup>19</sup> Idem, p. 119, lagar e forno de pão são assinalados pela autora, num esquema que abrange todo o Couto de Alcobaça.

<sup>20</sup> José Pedro Saldanha Oliveira e Souza, *Subsídios para a História da Agricultura em Portugal*, Lisboa, 1929, p.40, Este autor considera ainda que as granjas de Cela do Vimeiro, da Maiorga, de Turquel, Valado dos Frades e Évora, foram verdadeiras escolas agrícolas.

<sup>21</sup> Aires a Nascimento, *Cister: Os Documentos Primitivos – No Centenário da Fundação de Cister*, Lisboa, 1999, p. 95

<sup>22</sup> José Diogo Ribeiro, *Memórias de Turquel*, Porto, 1908, p. 84

completa. Pensamos que pode estar edificado no local do antigo lagar da Granja ( Fig. 4 ).

Adjacente ao Largo do Pelourinho situa-se a Rua do Relego ( Fig. 5 ), que nos permite pensar que neste local terá existido um edifício (que não conseguimos identificar) com as funções de armazenagem do imposto sobre o vinho<sup>23</sup>.

Paralelamente a esta rua situa-se a Rua Detrás do Relego, onde localizámos um edifício de assinaláveis dimensões e construção muito sólida, que nos foi dito ter sido o antigo celeiro ( Fig. 6 ), ou, noutra interpretação, um pequeno hospital dos frades ( devido aos bons ares de que desfruta)<sup>24</sup>.

A fachada norte deste edifício situa-se na Rua Capitão G. Mendes, pertencente ao eixo já mencionado, tem, adjacentes, edifícios que nos parece, com alguma probabilidade, identificar como pertencentes à Antiga Granja ( Fig. 7 ).

### **Implantação e descrição da Quinta da Granja**

A Quinta da Granja foi adquirida pelos monges cistercienses, em finais do século XVIII, como nos refere José Diogo Ribeiro “ A Quinta adquiriram-na os frades muito posteriormente<sup>25</sup>. No livro do tombo d’esta igreja há referencias ao *castelhano que vendeu a Quinta da Granja*. Nos annos de 1775 e seguintes pertencia ella, e a Quinta das Pedras tambem, ao cónego Pedro da Cunha e Mendonça. Nos fins do século XVIII era já dos frades, pois acho menção do seu administrador em 1799, Frei Francisco das Chagas, religioso de S. Bernardo”<sup>26</sup>.

Esta Quinta ( Fig. 8 e 9 ), situa-se a cerca de 1 Km a Norte da Vila de Turquel, distando de Alcobça para Sul, cerca de 8 Km, com um enquadramento paisagístico interessante, localiza-se a uma cota altimétrica de 188 m, e o conjunto construído é constituído por edifícios articulados em torno de um espaço aberto, de forma poligonal irregular, que configura uma pequena praça.

No espaço envolvente à antiga Quinta, conseguem observar-se vestígios do que foram as antigas culturas predominantes. Aqui e ali oliveiras, algumas árvores de fruto, testemunhos da antiga cultura oleícola e de pomares, que se desenvolviam nas encostas da Serra dos Candeeiros.

Os edifícios que constituem o conjunto, serão descritos de forma individualizada. O edifício de habitação designar-se-á por A , o antigo lagar por B. Iniciaremos a descrição pelo edifício de habitação A, de planta rectangular ( fig. 10 ). Apresenta dois pisos, a que foram anexados outros edifícios de menores dimensões, de apenas um piso, e cujas funções se podem imaginar terem sido de armazenagem vária.

---

<sup>23</sup> Iria Gonçalves, *ob. cit.*, p. 466, onde refere : " Basicamente consistia o relego na interdição da venda de vinho avulso durante um determinado período de ano, altura em que só o de produção e rendas senhoriais - ou reais, quando era o caso - podia ser tabernado". De interesse sobre este aspecto, são também as pp. 467 a 470.

<sup>24</sup> Idem, p. 306, onde o celeiro de Turquel é referido nos seguintes termos : " Por sua vez, aos celeiros de Évora e Turquel convergiam as rendas realizadas adentro dos termos das respectivas povoações ".

<sup>25</sup> José Diogo Ribeiro, *Memórias de Turquel*, Porto, 1908, p. 84

<sup>26</sup> José Diogo Ribeiro, *Memórias de Turquel*, Porto, 1908, p. 84

A tipologia interna deste edifício é definida por um corredor central, para onde de abrem todos os vãos das diversas divisões que o constituem, tanto ao nível do primeiro como do segundo pisos.

No piso térreo encontraram-se diversos espaços de características diferenciadas, tais como uma cozinha, uma sala de grandes dimensões, que deve ter servido como refeitório, despensa, e algumas arrecadações. Parece ter havido alguma continuidade nas funções deste espaço, desde o tempo em que foi ocupado pelos monges e, posteriormente, por particulares<sup>27</sup>.

Quanto aos espaços do primeiro piso, sucedem-se diversas dependências, que pode supor-se terem sido aposentos dos monges que trabalhavam na Quinta. Presentemente são ocupados por escritórios, da empresa que adquiriu esta Quinta.

De traça antiga, que se pode supor remontar ao século XVIII, altura em que como foi referido, esta Quinta passou para a propriedade dos monges de Alcobaça, teve, certamente, acrescentos e adulterações introduzidas com o objectivo de o adequar às necessidades sentidas pelos sucessivos ocupantes.

Relativamente aos alçados deste edifício, o primeiro que se oferece à apreciação de quem entra no espaço desta Quinta, é o alçado poente (Fig. 11), de arquitectura muito simples, onde se rasga, no piso térreo, um vão de características bastante interessantes, com verga em arcos contracurvados, motivo que foi copiado e utilizado num vão no mesmo piso, e ainda num outro, no pequeno edifício que se situa adjacente a este. Como se referiu, existem duas portas neste piso, e no primeiro piso, encontram-se dois vãos correspondentes a janelas, rectangulares, verticais, e ainda uma porta de acesso ao interior. A esta porta tem-se acesso por uma escada adossada ao edifício com três pequenos patamares.

No alçado sul ( Fig. 13 ) existe um acesso ao edifício, feito através de uma escada de patamares de calcário, que é coberta por um alpendre de construção recente ( talvez em substituição de um preexistente), sustentado por arcos de volta perfeita.

No primeiro piso, na base desta escada, existe uma porta, de aspecto bastante mais antigo, pertencente, possivelmente, a uma construção mais antiga.

Este alçado não apresenta aspectos de maior interesse, desenvolvendo-se com vãos nos dois pisos e também um vão rasgado no sótão.

O alçado norte ( Fig. 14 ) apresenta um eixo de simetria central, nele se situando um vão no piso térreo, dois no primeiro piso e um correspondente ao sótão.

De maior interesse compositivo é o alçado nascente ( Fig. 12 ), apresentando uma simetria quase perfeita no piso térreo, com duas portas e quatro janelas. No primeiro piso, com quatro janelas distanciadas, havendo um espaço central de maiores dimensões a que se seguem três janelas de espaçamento menor. Todos os vãos deste edifício, sejam portas ou janelas, são emoldurados por cantaria simples de calcário ( Fig. 15 e 20 ).

O edifício é coberto por telhado de duas águas, em telha Marselha, que não era certamente o revestimento original, se tivermos em conta alguns restos de um muro, encimados por telhas de canudo de aspecto muito antigo.

---

<sup>27</sup> Afirma José Diogo Ribeiro, que o proprietário desta Quinta nos inícios do século XX, foi o Eng. Agrónomo José Pedro Saldanha Oliveira e Sousa, autor de uma obra já citada, respeitante aos Coutos de Alcobaça.

O estado geral deste edifício é razoável, visto estarem a decorrer obras de adaptação, e foi feita alguma conservação. No entanto, do antigo edifício, podemos afirmar encontrarem-se já poucos vestígios.

Edifício do lagar de azeite – B : O edifício que desempenhava estas funções, sofreu profundas transformações, com vista a ser adaptado às funções de armazém de material de construção e de maquinaria pesada, necessidades definidas pela empresa de construção civil que adquiriu este conjunto. Todo o seu interior foi esvaziado das mós do antigo lagar, que presentemente se encontram espalhadas pelo espaço fronteiro a este edifício.

Trata-se de um edifício de apenas um piso, com planta predominantemente rectangular ( Fig. 16 ), constituída por alguns recortes, correspondentes aos diversos volumes que o constituem. Encontrou-se em Molianos, localidade situada a cerca de 9 Km a nordeste de Turquel, um edifício de características muito semelhantes, que pensamos ter tido a mesma utilização.

O acesso a este edifício faz-se através do alçado norte ( Fig. 17 ), onde existe um alpendre de dimensões confortáveis, que abrange cerca de dois terços do mesmo. Existem neste alçado quatro vãos/portas de dimensões diferenciadas, e três vãos/janelas rectangulares verticais. Para vencer o desnível do terreno, o edifício está assente numa plataforma à qual se tem acesso por uma pequena escada de três degraus.

O alçado sul ( Fig. 18 ), apresenta saliências e reentrâncias, correspondentes a quatro corpos, que constituem o alçado posterior do edifício. Em três destes corpos existem janelas rectangulares. Neste alçado é notória a adaptação do edifício ao terreno. Os alçados nascente e poente, são, em termos compositivos, de pouco interesse.

O edifício é coberto por telhado de duas águas, revestido por telha Marselha, que certamente não foi o revestimento original ( Fig. 19 ). O telhado é suportado por asnas de madeira, muitas das quais primitivas, de grandes dimensões. O espaço interior foi completamente adulterado. Apesar deste aspecto, pudemos ver ainda as traves de madeira, que sustentavam as mós, e o lugar onde assentavam as mesmas ( Figs. 21 e 23 ).

As mós e os elementos que constituíam o lagar, encontram-se dispersas pelo terreno adjacente a este edifício. Ainda em inícios do século XX, existia como lagar, se tivermos em conta uma fotografia de Joaquim V. Natividade, que documenta este facto<sup>28</sup> ( Fig. 22 e 24 ).

O estado de conservação deste edifício, é tal como no anterior, bastante razoável, visto estarem ainda a decorrer obras de adaptação do mesmo.

Anexo a este edifício encontram os restos de um outro, de pouco interesse, já que não pode saber-se que funções teria desempenhado à época de utilização pelos monges de Alcobaça.

## Conclusão

Com o objectivo de estudar e registar o que resta do património rural cisterciense, efectuámos o estudo da possível implantação da Antiga Granja de Turquel, e o estudo e levantamento aproximado da Quinta da Granja. Os

---

<sup>28</sup> Joaquim V. Natividade, *Obras Várias II*, "As Granjas do Mosteiro de Alcobaça", Edição da Comissão Promotora das Cerimónias Comemorativas do 1º Centenário da Morte do Professor Joaquim Vieira Natividade, s/d, p.44.

edifícios que supomos terem pertencido à Antiga Granja, encontram-se em estados de conservação díspares, por terem proprietários diferentes, ao longo do tempo. O estudo dos edifícios que se presume terem pertencido a esta Granja, será objecto de estudo posterior para confirmação desta hipótese.

A Quinta da Granja, tem beneficiado de obras de recuperação e adaptação aos usos para que foi adquirida, mas salienta-se que do conjunto antigo do século XVIII, já resta muito pouco. O que se mantém encontra-se muito descaracterizado.

Em todo o caso importa registar o que ainda subsiste deste património, e esperar que o mesmo mereça das entidades competentes a atenção indispensável à sua salvaguarda e que futuras intervenções não destruam os vestígios existentes.

Professora Auxiliar do Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico